

Waldir quer derrotar 'ditadura'; Josaphat luta sem preconceito

SALVADOR — A Bahia saiu na frente na campanha sucessória estadual. Os comícios já empolgam o interior, enquanto todo o Estado já está tomado por outdoors, cartazes e plásticos coloridos, embora ainda faltem seis meses para a eleição e os dois candidatos a Governador sequer tenham sido referendados pelas convenções partidárias: O ex-Senador Josaphat Marinho, da coligação PDS-PTB-PFL, e ex-Ministro Waldir Pires, do PMDB, com apoio do PDT, PC do B, PT, PCB e PL.

Marinho e Pires estiveram juntos nas eleições de 1962, quando foram candidatos ao Senado e ao Governo do Estado, respectivamente, por uma coligação partidária liderada pelo extinto PSD. Marinho elegeu-se e mais tarde ingressou no MDB, mas não conseguiu renovar o mandato em 1970, o que não o impediu de continuar prestando serviços à oposição, sobretudo no campo jurídico — foi, por exemplo, autor da tese jurídica que garantiu a incorporação do PP ao PMDB.

Derrotado por Lomanto Júnior, candida-

to da coligação UDN-PTB, Waldir Pires assumiu o cargo de Consultor-Geral da República, convidado por seu amigo João Goulart, até ambos serem derrubados do poder pelo golpe militar de 1964. Pires exilou-se na França e retornou ao Brasil em 1974. Foi mais uma vez derrotado ao disputar o Senado pela Bahia, nas eleições de 1982, já no PMDB.

Hoje adversários, Josaphat Marinho tem a apoiá-lo o Ministro Antônio Carlos Magalhães e o Governador João Durval, enquanto Waldir Pires reúne em torno de seu nome todos os partidos de oposição, atraindo ainda lideranças como os senadores Luiz Viana Filho e Jutahy Magalhães, que há muito tinham uma desconfortável convivência com as forças governistas da Bahia.

Antecipando-se aos debates que certamente ocorrerão ao longo da campanha, O GLOBO fez cinco perguntas idênticas aos dois candidatos, ex-aliados em 1962, opositores históricos e amigos cordiais.

1

— Como se explica o fato de dois socialistas, opositores históricos, aliados durante muitos anos, estarem hoje disputando o Governo baiano com o apoio de forças politicamente contrárias?

Waldir Pires — Eu sou PMDB, disputo pelo PMDB e combato o sistema de poder que dominou a Bahia durante 20 anos. Eu não mudei, de forma que, seguramente, esta pergunta não tem de ser feita a mim. Eu estou fazendo uma frente ampla para derrotar esse sistema de poder. Assim como Tancredo Neves fez no Brasil, eu devo derrotar a ditadura na Bahia.

Josaphat Marinho — Não há singularidade nem surpresa na posição política presente dos dois candidatos ao Governo da Bahia. Não militamos nunca num mesmo partido: apenas fizemos juntos a campanha de 1962, em que me elegei Senador por uma aliança de partidos. Se somos amigos pessoais, e em alguns pontos nossas idéias possam coincidir, nada impede que assumamos posição divergente, exercitando a liberdade de pensamento e de ação política.

2

— Que juízo o Senhor faz do seu concorrente e qual o nível de afinidade política existente entre os senhores?

Josaphat Marinho — Meu ilustre competidor é um homem público de relevo, com quem mantenho relações cordiais. Temos a afinidade do pensamento democrático, marcado por diferenças naturais de idéias, em parte por efeito das singularidades de temperamento e de formação. Sou um socialista democrático, sem submissão a radicalismo ideológico, e firmemente convencido de que não há desenvolvimento autêntico se se desconhece o valor da liberdade.

Waldir Pires — Eu faço o juízo de um homem sério, de um homem competente, de um homem decente. Eu apenas lamento que hoje ele seja o candidato do Governador e do Senhor Antônio Carlos Magalhães.

3

— O que o levou à aliança com forças políticas que o senhor sempre combateu?

Waldir Pires — Derrotar o sistema de poder no Estado. Classificar os adversários essenciais. Para mim, os adversários essenciais são os responsáveis pelo sistema de poder espúrio que violenta o povo; que desrespeita a Bahia; que estabelece como princípio quase generalizado a corrupção administrativa, que esqueceu o sofrimento do povo. Não é apenas que tenha sido conivente com a ditadura o tempo todo.

Josaphat Marinho — Não tentei, originalmente, aliança entre forças políticas, porque não reivindiquei ser candidato. Distinguido com o convite do Governador João Durval e do Ministro Antônio Carlos Magalhães é que me entendi com as forças políticas, inclusive o PMDB. Assim procedi, livremente, porque o convite não envolvia nenhuma restrição ao comportamento político democrático, nem aos precedentes de minha vida pública.

Posta a candidatura nestes termos, não havia que estabelecer preconceitos quanto a forças políticas legalmente formadas. Se de forma civilizada pessoas ou agremiações, antes em atitude oposta, se entendem para um objetivo superior, a aliança equivale à prática do espírito democrático, que supera divergências circunstanciais a bem da causa pública.

4

— De que forma as forças que o apóiam deverão participar do seu governo?

Josaphat Marinho — As forças que me apóiam participarão do Governo por intermédio de seus representantes, escolhidos entre os mais adequados para os cargos, e com o concurso de suas idéias, tudo se ajustando a um plano de ação, objetivamente elaborado.

Waldir Pires — Deverão participar conjuntamente, tanto na construção da vitória quanto nas responsabilidades da administra-

ção, de forma que nós tenhamos o que houver de melhor do pensamento político baiano, de competência, de capacidade administrativa, de moralidade, de honradez. Eu terei de governar com todos os que nos ajudarem a construir uma vitória democrática.

5

— A soma dos apoios que o Senhor conseguiu até agora já garante a vitória?

Waldir Pires Creio que a vitória é do povo. É uma avalanche. Na sede do PMDB são centenas de pessoas todos os dias. O PMDB está quase intrasitável. No interior, onde quer que vamos, é uma festa. Em Guanambi foi uma coisa extraordinária: 40 mil pessoas. Foi o maior comício que eu já vi em qualquer tempo, no interior da Bahia. Esta é a realidade: é uma avalanche. É uma decisão profunda, que vem da consciência da terra, de que é possível mudar a Bahia.

Josaphat Marinho — O candidato deve ter o bom senso e a humildade de não alardear vitória antes do pleito. As forças e as lideranças que nos apóiam, entretanto, revelam tão grande firmeza e densidade eleitoral que não há razão para duvidar da vitória. A publicidade nervosa do adversário, refletindo fraqueza diante desse poder eleitoral, confirma a segurança do êxito de nossa campanha. Confiamos no julgamento popular.